

INFLUÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ROMANA NO CRISTIANISMO PRIMITIVO: O EXEMPLO DE SANTO AGOSTINHO.

Daniel Nunes Pêcego – Universidade do Estado de Rio de Janeiro.

Resumo. O presente estudo procura indicar alguns dados básicos acerca da educação latina, ao analisar a experiência de Santo Agostinho, considerando-se que ele mesmo foi educado como um romano já na fase decadente do Império. Importa salientar os reflexos dessa educação em seu posterior período como teólogo e bispo da Igreja Católica.

Palavras-chave. Santo Agostinho, educação romana, cristianismo.

Abstract. This study intends to indicate some basic data about Latin Education, in analyzing Saint Augustine's experience, considering the fact that himself was educated as a Roman in the decadent phase of the Empire. It is important to emphasize the influences of this education on his period as Theologian and Bishop of the Catholic Church.

Keywords. Saint Augustine, Roman Education, Christianity.

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista do crente, mas que mesmo o cético com um mínimo de honestidade intelectual não pode negar, o momento histórico em que surge o Cristianismo pode ser considerado como providencial¹ (na acepção mais teológica possível) para a difusão de uma religião que só pode se entender como universal, o Catolicismo: Um ambiente messiânico palestinese, monoteísta há centenas de anos; sob a dominação política e econômica do recém-implantado Império Romano e envolto na cultura helenística, talvez já em ponto de decadência, porém bastante apropriada para fundamentar filosoficamente a nova religião, dada a sua característica compilatória. É com a conjugação desses três elementos que se construirá, concorde-se ou não, os pilares do mundo tal como são (MARÍAS, 2000, 14).

Nesse sentido, numa perspectiva meramente humana, a grande estrutura que permitirá a expansão do Cristianismo para os mais diversos pontos da Terra será o Império Romano, que oferecia um terreno quase preparado para a expansão do Cristianismo. Em princípio, a *pax romana* permitia a livre circulação por todos os lugares onde se exercia a autoridade romana. E por toda a parte os homens esperavam da religião alguma coisa mais do que as

¹ Prudêncio escreveu no século V em seu *Ad Symmachum* “Foi Deus que submeteu todos os povos aos Romanos para preparar os caminhos a Cristo” (GIORDANI, 2002, 346).

cerimônias de um culto oficial em que nem mesmo acreditavam aqueles por quem era celebrado (GRIMBERG, 1966, 116-7).

Uma dos dados dessa cultura latina, determinante para a estabilização do Cristianismo, que tem profundas influências sobre a religião que, pouco a pouco, se firma como a religião universal², será o sistema educacional romano. Antes de tudo, importa que se note que um dos elementos mais importantes para o estudo de uma cultura é a sua educação, especialmente aquela da elite da sociedade estudada³. O presente trabalho, portanto, tem o intuito de trazer alguns elementos básicos da cultura latina clássica, em especial de sua educação, e em que isto influenciou o Cristianismo nascente.

Para tornar a pesquisa mais interessante, esta será ilustrada com um estudo de caso: como se desenvolveu a formação cultural – em cenário eminentemente latino e em processo de cristianização, como o era o norte da África dos séculos IV e V d.C. - de um dos homens considerados como dos mais cultos e sábios da Antigüidade? Trata-se de Santo Agostinho, figura mais que interessante para ilustrar o tema, pois “resume numa personalidade imensa o mundo antigo, ao qual ainda pertence, e a época moderna, que anuncia, e cujo ponto de partida é ele mesmo. Na obra agostiniana resume-se essa passagem decisiva de um mundo a outro.” (MARÍAS, 2004, 122). É sobre a formação educacional deste grande filósofo, santo e doutor da Igreja que se debruçará este trabalho, buscando-se o que de aluno latino, professor de retórica, amante dos clássicos *etc* lhe tenha ficado, mesmo após a conversão. Antecipando-se um pouco, conclui-se que, repetindo em escala pessoal o que a Igreja fez em nível institucional, de todas estas coisas ficou com aquilo que era bom e que, não ferindo o espírito da religião, antes a fortalecia com um rico instrumental⁴.

I – BASES DA EDUCAÇÃO ROMANA CLÁSICA

² Sobretudo, após a desconsideração do Cristianismo como *religio interdicta* pelos editos de Galério (311 d.C.) e, especialmente, o de Milão (313 d.C.) e mais ainda com o batismo de Constantino. A afirmação do corpo do texto a que esta nota se refere, não desconhece as sempre presentes heresias que, ao mesmo tempo em que contradizem a ortodoxia, obrigam-na a declarar-se e aclarar-se cada vez mais (FRANGIOTTI, 2002, 05): “*Oportet haereses esse*”, como afirma São Paulo na I Epístola aos Coríntios. (ROPS, 1988, 288).

³ O que até o século XX quer dizer o mesmo, considerando-se o pequeníssimo acesso das massas à educação mesmo a mais elementar.

⁴ Para efeitos de melhor apresentação, as muitas citações das obras agostinianas serão feitas em latim. As traduções em vernáculo serão apresentadas ao final do artigo. Para as referências às “Confissões”, abreviou-se para “*Conf*” e “A Cidade de Deus”, para “*Civ. Dei*”.

A educação romana, como todos os outros elementos da cultura latina, está baseada em valores bem específicos que o cidadão, por pertencer com muito orgulho e senso de responsabilidade à grande Roma, deveria praticar e ensinar a seus filhos. A *virtu* latina tem certa aproximação com a *arete* grega, com origem na idéia de coragem e força bélicas. Na devoção ao Estado e ainda no gosto e respeito à tradição, ao costume ancestral – o *mos maiorum* – consiste o fundamento da educação romana: *Moribus antiquis res stat romana uirisque*, diria Cícero em seu *De Republica*.

Baseava-se a educação nos conceitos de autoridade (partindo-se da autoridade paterna, chegava-se à autoridade pública) e de benevolência com o outro, especialmente aquele em situação de desvantagem. Nesse ambiente, em que a educação era cuidadosamente iniciada no seio da família (GIORDANI, 2002, 166) domina a figura do *paterfamilias*, que é o educador por excelência. Aliás, é sintomático caber ao pai a tarefa de reconhecer a criança como novo membro da família, ao levá-la ao colo (*tollere filium*)⁵.

De fato, a história é repleta de exemplos do cuidado romano com a educação, como vemos em Catão ou Cícero, que dedicara ao filho seu *De officiis* e enviou o jovem à Grécia para lá estudar mais aprofundadamente a filosofia (“Há um ano, Marco, meu filho, ouves os ensinamentos de Cratipo, e isso em Atenas!” [*De officiis*, I]). Nos dizeres de Juvenal, *Maxima debetur puero reverentia*.

A educação latina sofreu grande influência daquela cultivada na Grécia, sobretudo após a conquista da Hélade por Roma, liderada por Paulo Emílio, no século II a.C. Com as exceções da formação artística e da educação física que, para os pragmáticos romanos, sempre tiveram caráter sóbrio e de treino bélico respectivamente, todas as outras matérias da educação helênica exerceram enorme influência sobre os conquistadores (GIORDANI, 2002,

⁵ A mãe, porém, não deixava de ter grande importância. O amor à vida doméstica, que nos tempos mais remotos significava o culto ao *lararium* (FUSTEL DE COULANGES, [1999], 26-7), é uma das mais fortes características da civilização romana. Nesse sentido, a matrona ocupa um lugar de grande importância, como senhora da casa e com autonomia crescente conforme a implementação do Império, bem além do alcançado pela mulher grega. Não se podem olvidar os papéis preponderantes de Aurélia, Paulina e tantas outras mulheres fortes da história romana (não se trata aqui de mulheres também obstinadas, mas que estão longe de modelo de virtude, como Júlia, Agripina ou Messalina). Naquela primeira linha se insere a figura de Mônica, mãe de Agostinho. Chama a atenção o zelo de Santa Mônica por seu filho Agostinho, bem característico da *materfamilias* romana, educadora do lar. Neste caso, a mãe sempre exerceu grande influência sobre o filho, sendo considerada uma das causas segundas (para se utilizar de uma terminologia escolástica) de sua conversão, pois era “impossível que possa perecer um filho de tantas lágrimas” (*Conf. III*, 12).

169). Considerando-se isso, entende-se porque o ensino do grego era tão prezado entre os romanos cultos.

O ensino se estruturava basicamente em três graus sucessivos, atribuindo-se ao *litterator* os rudimentos, ao gramático os estudos mais gerais e, finalmente, ao *retor* os preceitos de eloquência. A criança, aos sete anos (*puer*), ingressava na escola primária, onde permanecia até os doze anos, quando seguia para a escola secundária. Findo este período recebia a toga viril e poderia, então, alcançar os estudos superiores.

A escola primária era bem modesta. Em geral, um simples alpendre, delimitado por um cortinado. O professor deste nível não era bem considerado na sociedade romana (sua profissão é *rem indignissimam*), o que o fazia mal remunerado. Os alunos eram levados à escola por um escravo a que se deu o nome de pedagogo, o condutor de crianças. Ali se aprendia a ler, escrever e a contar, com uso maciço e muitas vezes exasperante da faculdade da memória.

Com o *grammaticus*, o jovem romano visava o aperfeiçoamento da linguagem e o conhecimento mais aprofundado dos poetas clássicos, em que se conjugavam noções de história e geografia.

Aqueles que, da elite ou destinados a ela, alcançavam a escola superior, se dedicavam ao estudo formal das regras de oratória, basicamente calcadas no sistema grego. Depois de aprenderem as normas retóricas, punham-se os alunos a praticar com jogos e simulações de casos a serem resolvidos. O *retor*, ao contrário de seus correspondentes anteriores tratados, era uma figura bem mais prezada pela sociedade.

Tal era a importância da escola de retórica para a manutenção da burocracia imperial romana que, se as escolas inferiores continuaram sempre livres à iniciativa privada, Vespasiano fez da primeira uma instituição estatal. Adriano criou mesmo uma espécie de universidade *avant-la-lettre*, sob o nome de *atheneum* (GIORDANI, 2002, 176-7).

Tudo isso vem demonstrar uma crescente institucionalização do ensino e da educação que estará no auge quando da formação intelectual de Santo Agostinho. Os grandes centros de estudo superior eram Roma, Cartago, Milão, Nápoles e Marselha (no ocidente). Na parte oriental do Império, brilhavam Atenas, Antioquia, Alexandria e Beirute. Agostinho frequentará Cartago, Roma e Milão.

II – PEQUENA BIOGRAFIA DE AGOSTINHO

Boa parte do que se conhece da vida de Agostinho tem como fonte “o que o próprio Agostinho, de feliz memória, referiu nos livros das

“Confissões” acerca de sua vida antes de receber a graça, e da maneira como viveu depois” (POSSÍDIO, [1997], 36).

Santo Agostinho nasceu em 354 d. C. na pequenina cidade provinciana de Tagaste, filho de Patrício, um pequeno funcionário imperial pagão, e de Mônica. Apesar de sua mãe ser cristã, Agostinho, conforme o costume da época, não fora batizado quando criança. Isso, como se verá, é de importância capital para o seu futuro e será tratado extensamente nas “Confissões”.

Seus pais se sacrificaram para que pudesse ter uma boa educação e, com isso, galgasse bons postos na hierarquia imperial: “(...) os estudos a que me entregava, chamados de liberais, tinham seu curso voltado para o foro litigioso, para obter sucesso (...)” (*Conf* III, 3).

Sendo assim, Agostinho, após os primeiros estudos em Tagaste, segue para Madaura, cidade próxima e um pouco mais desenvolvida, para se dedicar à formação de *retor* – professor de Retórica. Como o próprio Agostinho confessa em sua obra seminal:

Nesse mesmo ano, no entanto, meus estudos foram interrompidos, tendo sido chamado de Madaura, cidade vizinha, para onde havia ido antes, a fim de estudar literatura e oratória, onde aguardava que se preparasse a quantia necessária para uma permanência mais longa, em Cartago, de acordo mais com a ambição do que com as possibilidades de meu pai, cidadão bem modesto de Tagaste(...). Todos elogiavam muito meu pai, que gastava mais do que lhe permitia o patrimônio familiar, nas despesas necessárias para a permanência do seu filho longe de casa por motivos de estudos. Muitos outros cidadãos, bem mais ricos que ele, não se interessavam do mesmo modo pelos filhos (*Conf* II, 3).

Depois disso, ainda estuda em Cartago, onde passará a lecionar, mudando-se depois para Roma e Milão, onde é designado mestre de Retórica da Casa Imperial.

O grande apelo à vida especulativa, Agostinho a teve bem cedo, como se pode ver na seguinte passagem: “Tendo chegado à idade de dezenove anos, após ter conhecido na escola de Retórica o livro de Cícero, intitulado ‘Hortênsio’, senti-me inflamado de tal amor pela Filosofia que pensei em me dedicar a ela sem reservas.” (*De beata vita* 1, 4). Todo esse percurso intelectual é acompanhado por uma crescente sede de conhecimento e amor à sabedoria que, conjugado aos dramas pessoais de um sensualismo voraz (que, no entanto, não choca o homem contemporâneo, considerada a perplexidade

moral que marca a época), o levam à uma crise religiosa, não sem antes passar por diversas escolas filosóficas (ecletismo estóico, academicismo - “[...] entreguei o timão do meu barco aos acadêmicos” [*De beata vita* 1, 4]) e seitas religiosas (maniqueísmo) que, no entanto, não lhe davam as respostas profundas de que necessitava.

Estas somente vieram quando decide, após longo e doloroso tempo de indecisão e sob a influência do grande bispo milanês Santo Ambrósio, deixar-se batizar e tornar-se cristão. Daí em diante, deixando a cátedra magistral, passa a se dedicar apenas à religião, retirando-se com alguns amigos para uma espécie de mosteiro. Pouco depois, é como que aclamado pela população, que o leva, a contragosto, a ser ordenado presbítero e depois bispo de Hipona, função que exercerá por mais de trinta anos até a sua morte em 430.

Seu longo período à frente do episcopado caracterizou-se por um grande crescimento espiritual (que passou forçosamente por um exercício de auto-conhecimento) e muitas realizações intelectuais, uma vez que se dedicava com afincamento à oração, a pregar, elaborar sermões, redigir cartas, respostas a consultas e tratados de Teologia, em que não só aclarava os dogmas e verdades de fé, como também combatia as heresias que pululavam em seu tempo (donatismo, pelagianismo, arianismo dentre outras), como se pode extrair até mesmo de uma de suas obras, que trata da música, de que tanto gosta: “*con sus estudios juveniles la facultad de hablar y discutir; lo habían hecho por la misma necesidad de refutar a los herejes*” (*De Musica*, concl.). De toda a sua obra, podem ser tiradas não apenas perenes informações sobre Teologia, como também conceitos filosóficos bem profundos, como as noções de pessoa, tempo, memória, interioridade *etc*, sempre permeados por um belíssimo e envolvente estilo que, sem dúvida, tomou em certa medida da educação romana que recebera na juventude. Santo Agostinho – ponto máximo da Patrística - é, com Santo Tomás de Aquino (seu equivalente na Escolástica), o doutor mais citado e autorizado pela Igreja (DERISI, 1965, 82)⁶.

III - A FORMAÇÃO DE AGOSTINHO

Inicia-se este capítulo com uma passagem do primeiro biógrafo/hagiógrafo agostiniano, o bispo Possídio, que conhecera Santo Agostinho pessoalmente:

⁶ Aliás, em detrimento de uma interpretação que costuma contrapor Agostinho a Tomás de Aquino (em versão cristianizada do “*amicus Plato, sed magis amica Veritas*”), é de se ressaltar que o africano é quase tão citado como Aristóteles na obra do Aquinate.

Efetivamente, aprendeu primeiro a gramática em sua cidade e depois lecionou retórica em Cartago, a capital da África. Em seguida, ensinou também além-mar na cidade de Roma e em Milão, onde se havia estabelecido a corte do imperador Valentiniano II (POSSÍDIO, [1997], 37).

A educação era certamente um dos meios, provavelmente um dos principais, para a ascensão social, considerando-se que as necessidades prementes de pessoal para a manutenção do gigantesco aparato burocrático imperial traduziam-se em relações de poder, privilégio e, por vezes através de meios corruptos, de riqueza.

Para ser membro pleno de uma cidade romana, Agostinho tinha que ser livre e civilizado: não precisava ser rico. Seu pai, Patrício, era um homem pobre, um *tenuis municeps*, cidadão de recursos escassos. (...) A educação clássica era um dos únicos passaportes para o sucesso entre esses homens (BROWN, 2005, 25).

Como narra o próprio Agostinho, “(...) quando simples criança, me propunham vida reta e obediência aos mestres, a **fim de mais tarde brilhar no mundo** e me ilustrar nas artes da língua, servil instrumento da ambição e da cobiça dos homens.” (*Conf.* I, 9). (grifou-se) Assim, afirma Peter Brown,

Agostinho seria educado para se tornar um mestre da palavra falada. O conteúdo de sua instrução foi árido. E francamente pagão.

Era surpreendentemente escasso: ele deve ter lido muito menos autores clássicos do que um estudante moderno (...). Tratava-se de um ensino exclusivamente literário: filosofia, ciência e história eram ignoradas. Um fardo esmagador era imposto à memória (...) (BROWN, 2005, 42), em que se tinha que memorizar desde histórias clássicas à tabuada: “Repetir ‘um e um, dois; dois e dois, quatro’ era para mim uma cantilena fastidiosa.” (*Conf.* I, 13).

Santo Agostinho, portanto, não teve uma formação regular em Filosofia, consistindo seus estudos principais e basilares naqueles tão-somente necessários para a função de *retor*. Seguramente, o bispo de Hipona conhece os seguintes autores e obras: Cícero, pouquíssimo de Aristóteles (suas *Categorias*), Celso, Aulo Gélcio (*Noites Áticas*), Varrão (*As antiguidades* e *A Filosofia*), Apuleio (sobretudo o *Asno de ouro*) e ainda Plotino e Porfírio (“Li entrementes algumas poucas obras de Plotino” [*De beata vita* 1, 4]), que são as bases filosóficas neoplatônicas que Agostinho utiliza em seu pensamento.

Em sua educação infantil, como era comum no sistema latino, os açoites não eram de modo algum desprezados como método pedagógico:

Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras, cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça. As pessoas grandes louvavam esta severidade. Muitos dos nossos predecessores na vida tinham traçado estas vias dolorosas (...) Rezava para não ser açoitado. (*Conf.* I, 9). (...) açoites – o meu maior e mais penoso suplício. (*Conf.* I, 12).

O grego, como língua culta era ensinado juntamente com o latim. As dificuldades do jovem Agostinho com a língua grega nos são contadas por ele mesmo:

Mas qual era a causa da aversão que tinha à língua grega que me ensinaram quando criança? (...). Por que aborrecia eu também a literatura grega, (...)? O trabalho de aprender inteiramente essa língua estrangeira como que aspergia com fel toda a suavidade das fábulas gregas (*Conf.* I, 14).

A quase ignorância, porém, do grego vai ser lamentada mais tarde, pois o impedirá de ler os originais de diversas obras, tendo que se contentar na maioria das vezes com más traduções para o vernáculo latino, como se lê: “Tu me proporcionaste, através de um homem inflado de orgulho imenso, alguns livros dos platônicos traduzidos do grego para o latim (...)” (*Conf.* VII, 9). Segundo seu maior biógrafo dos dias atuais (longe de ser um hagiógrafo, ao contrário de Possídio), Peter Brown, “Sua incapacidade de aprender o grego foi um grande desastre do sistema educacional do baixo Império Romano: ele se tornaria o único filósofo latino da Antigüidade a virtualmente ignorar o grego” (BROWN, 2005, 42).

Por outro lado, “gostava muito da língua latina, não da que ensinavam os primeiros mestres, mas da que lecionavam os gramáticos.” (*Conf.* I, 13). Por Agostinho, por exemplo, nos chega a informação de que a letra “h” latina, em seu tempo, era aspirada (*Conf.* I, 18). O púnico (como ele mesmo se refere à sua língua natal) era desprezado como língua bárbara.

A educação antiga baseava-se na leitura dos clássicos, em especial, Virgílio, que, apesar da conversão, Agostinho sempre apreciará, citando-o em textos teológicos mesmo no final de sua longa vida. Ainda em 389, no *De magistro* (II), registra da Eneida (II, 659): “*Si nihil ex tanta Superis placet urbe*

relinqui?". Nessa linha de formação, desenvolveu na primeira juventude um grande gosto pela tragédia e pelo teatro (*Conf. I*, 13 e *III*, 2).

Antecipando-se um pouco às suas idéias pedagógicas, sabe-se que Agostinho tece críticas agudas às narrativas mitológicas ensinadas na literatura clássica (*Conf. I*, 16 e *Civ. Dei*, II, VIII), por serem corruptoras da juventude, numa postura que faz lembrar a expulsão dos artistas da República platônica (Livros II e especialmente X). De fato, nestas obras, os deuses, que por força da lógica seriam seres perfeitos, são apresentados como eivados de vícios que nem no mais vil dos homens deveriam estar presentes.

Os desvios e patologias na formação do jovem, no sentido de se dar mais importância ao conhecimento do que propriamente à formação moral era sentida já à época: "Minha educação era dada de tal modo, que temia mais cometer um barbarismo de expressão do que me acautelar da inveja que eu sentiria daqueles que a evitavam, se eu a cometesse." (*Conf. I*, 19).

Uma interessante exposição sobre aquilo que entende como a melhor pedagogia, aqui vista como o guia para levar à conversão, em outras palavras, o melhor método para evangelizar, está presente no seu *A instrução dos catecúmenos*, onde adverte ao diácono Deogratias "O que quer que narres, faze-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia e, crendo, espere e, esperando, ame" (*De catechizandis rudibus* 4, 8). O amor torna-se, assim, elemento essencial no conduzir alguém ao conhecimento verdadeiro.

No que se refere à formação cultural e mesmo à arte oratória e eloquência eclesiástica, deve-se citar sem dúvida a grande obra *A doutrina cristã* (que, segundo P. Brown [2005, 331], parece um livro moderno) em que Agostinho analisa até mesmo a problemática das traduções (com que ele teve que se confrontar por toda a sua vida intelectual; nesse sentido, ver suas relações com São Jerônimo) e dos erros gramaticais.

De certo modo, até mesmo em seu ideal de vida retirada, a princípio somente para a "busca da verdade", depois, para a constituição de um verdadeiro monaquismo, pode se conceber uma preocupação com a vertente pedagógica uma vez que a dedicação aos estudos era ali elemento essencial.

Como em Cassiciaco, Agostinho estava decidido a ser o educador de seu círculo. (...) Entretanto, apesar dessa nova liberdade, havia um componente de desapego zelosamente preservado na postura agostiniana. Todo o seu projeto de aprendizagem foi sutilmente moldado pelo medo de recriar, no estudo da Bíblia e na pregação, a mutilante inibição do ensino tradicional. (...) Agostinho abriu um grande espaço para o "natural" na educação e teve a sincera preocupação de que o homem "talentoso" não fosse entravado por regras e normas. Jogou o "talento" contra a "educação" (BROWN, 2005, 330-1).

O antigo mestre da eloqüência soube, desse modo, contornar as regras de eloqüência para alcançar o mais essencial.

A importância da educação para Santo Agostinho pode ser medida pela seguinte passagem do *De magistro*, em que dialoga - como pai embevecido pela capacidade de seu filho adolescente - com Adeodato: “*Agostinho* – ‘Que te parece que queremos levar a efeito quando falamos?’. *Adeodato* – ‘Quanto precisamente me ocorre agora, ou ensinar ou aprender?’” (*De magistro*, I).

Apesar do cuidado notado com a educação, reconhece, porém, a presença de bom-senso mesmo em quem não havia se dedicado aos estudos formais, como se vê na passagem:

Não quis que ficassem ausentes meus primos Lastidiano e Rústico, ainda que não houvessem freqüentado a escola de nenhum *grammaticus*. Para o que planejávamos (*promover uma discussão filosófica*), julguei o seu bom senso poder nos prestar auxílio (*De beata vita* 1, 6).

A despeito da referida deficiência de sua formação pessoal, os dons naturais de Agostinho podem ser medidos por sua capacidade de compreensão e expressão: De fato, chegara a ganhar um concurso de poesia teatral em honra do Imperador (*Conf* IV, 2). Também confessa sem falsa modéstia: “(...) quantas noções de arte e dialética, de geometria, música e aritmética eu aprendi sem grande dificuldade e sem auxílio humano (...)” (*Conf* IV, 16), “Eu era o primeiro nas aulas de retórica (...)” (*Conf* III, 3) e que fora aclamado como bom recitador (*Conf* I, 17).

Como espécie de prenúncio da sua vastíssima obra, aos vinte e seis ou vinte e sete anos escreve uma obra, hoje infelizmente perdida, sobre a beleza e a harmonia (*De pulchro et apto*) (*Conf* IV, 13), mas já antes tinha “lido e compreendido sozinho, aos vinte anos, a obra de Aristóteles intitulada *As dez categorias*” (*Conf* IV, 16).

Depois de se decepcionar com o ensino em Cartago, devido às turbulências que ele mesmo vivenciara na adolescência, decide partir para o centro do mundo antigo, a já decadente Roma:

(...) eu me deixei convencer em ir para Roma, preferindo ensinar aí o que ensinava em Cartago. (...) Não me decidi a ir a Roma porque os amigos que a isto me solicitavam prometiam maior lucro e mais prestígio, embora estes motivos também me atraíssem. A razão principal e quase única era o fato de ter ouvido dizer que aí os jovens se

dedicavam ao estudo mais tranqüilamente, refreados por uma disciplina mais severa. Não invadiam desordenada e atrevidamente a sala de aula de um mestre, do qual não eram alunos, nem eram aí admitidos sem sua licença (*Conf. V*, 8).

Seus alunos eram sobretudo jovens herdeiros da própria Cartago e da província que vinham à metrópole para receber um verniz de cultura clássica, em especial, de Cícero (BROWN, 2005, 79).

A experiência docente em Roma não deixa, porém, de ser igualmente decepcionante:

Atirei-me com zelo à tarefa, que era a razão da minha ida à Roma, isto é, ao ensino da retórica. No princípio, reunia em casa alguns alunos, aos quais e pelos quais comecei a tornar-me conhecido. Percebi logo que em Roma havia certos hábitos que eu não toleraria na África. É verdade que não se verificavam as conhecidas desordens dos jovens depravados de Cartago, mas fui avisado de que muitos estudantes romanos, para não pagarem ao professor, entravam em acordo e passavam repentinamente para outro mestre, traíndo a boa-fé e menosprezando a justiça, por amor ao dinheiro. (*Conf. V*, 12).

Como informado mais acima, com o avanço da época imperial, foram criadas escolas oficiais, mantidas pelo Imperador para formação das elites de Roma. É para uma delas que se dirige Agostinho, como se vê: “Quando o prefeito de Roma recebeu de Milão o pedido de um professor de retórica para esta cidade, com a oferta de transporte público (...). O prefeito Símaco, após submeter-me à prova de um discurso, me fez partir.” (*Conf. V*, 13). Será ali que ocorrerá a verdadeira e definitiva mudança na vida do africano.

A relativamente longa e fecunda carreira acadêmica de Agostinho encerra-se em Milão. Sua nova disposição de vida não permitiria que continuasse a viver como “Naqueles anos [*em que*] eu ensinava retórica: vencido pelas paixões, eu vendia tagarelices para ensinar a ganhar causas (...).” (*Conf. IV*, 2). Finda-se este capítulo citando-se o mesmo Possídio do início: “Comunicou também a seus alunos de retórica que procurassem outro professor (...).” (POSSÍDIO, [1997], 38). Alguns alunos perderam seu professor, o mundo ganharia um santo...

CONCLUSÃO

Com isso, termina-se a rápida exposição sobre as influências da educação romana sobre o Cristianismo incipiente. Tendo surgido no momento histórico de implantação e expansão do Império Romano, institucionalmente, o Cristianismo não tinha como deixar de se apropriar daquilo que, não sendo em si malévolo, podia representar um ganho para o processo apostólico evangelizador.

E foi exatamente o que se deu. O aparelho educacional latino, aperfeiçoamento prático a partir de uma base helenística, era o que de melhor havia para a promoção sistemática da educação da juventude. Será muito aproveitado pela religião que visa a mudança interior, em que uma educação (de fato, “educar” vem do latim *ducere* guiar, conduzir, levar [SOUSA, 1992, 304-5]) tão bem cuidada quanto possível é imprescindível. Em certo sentido, a evangelização poderia se dizer que é uma educação na, pela e para a fé.

Santo Agostinho, por ser homem de dois mundos, criado em um ambiente pagão já decadente e impregnado de noções da nova religião que se expandia, é como que o arquétipo dessa síntese. Nele, o que havia recebido da educação latina foi depurado, filtrado e, no que tinha de melhor, apresentado ao mundo sob uma perspectiva cristã.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Parte I. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. **De Musica**. Córdoba: Alción, 2000.

_____. **O mestre**. São Paulo: Landy, 2002.

_____. **A instrução dos catecúmenos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CÍCERO, Marco Túlio. **Dos Deveres**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DERISI, Octavio N. **Actualidad del pensamiento de San Agustín**. Buenos Aires, Guadalupe, 1965.

FRANGIOTTI, Roque. **História das heresias: Séculos I-VII: Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2002.

FUSTEL DE COULANGES. Numa Denis. **A Cidade Antiga: Estudos sobre o culto, o Direito e as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Bauru: Edipro, 1999.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. Petrópolis: Vozes, 2002.



GRIMBERG, Carl. **História Universal: O Império Romano e a sua época.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1966.

MARÍAS, Julián. **A perspectiva cristã.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **História da Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Nova Cultural, 2000.

POSSÍDIO. **Vida de Santo Agostinho.** São Paulo: Paulus, 1997.

ROPS, Daniel. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires.** São Paulo: Quadrante, 1988.

SOUSA, Francisco António de. **Novo dicionário latino-português.** Porto: Lello e irmão, 1992.